



REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR — Carlos Maria Coelho

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.^a

Lisboa — PORTUGAL

Direcção telegráfico Talhava — Lisboa • Telefone 5339

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

C. G. T.
Secção das Federações

Os 50 milhões de "dollars"

Onde se relata minuciosamente o romance que, como todos os romances, se passou em Paris, no "boulevard des Italiens"

Escuta, proletário rude. Suspende o teu trabalho que achas contar-te uma história. O' da mina! Vem cá acima ver por momentos a luz bafmeja do sol acariciador. Larga a pícarata, limpá o suor que te escorre pela face suja; senta-te aqui bem perto de nós e ouve. O' da andainha, que andas balouçando lá nas alturas incomensuráveis desse prédio sem fim! Desce, vem depressa sentar-te junto do teu companheiro da mina ouvir o conto, o grande conto do... empréstimo. O' trabalhadores do campo, que desde o romper da madrugada fresca que beija as flores com o seu belo do rócio, até ao morrer trágico do sol, entre nuvens de sangue, lá longe, onde a seara imensa termina, trabalhais como moiros, como escravos da roça, para angariar a custo o pão negro que os filhos pedem, chorando de fome ó trabalhadores ignorados, vindos para aqui, sentai-vos um pouco a descansar, e escutai a história que vamos contar-vos. Que bela história idea ouvir! E' trágica no final. Mas não importa, porque as suas peripécias são cômicas, fazem aflorar aos lábios pálidos dos que trabalham, dos que tem fome, um sorriso de efêmera alegria. Escutai.

Passa-se a primeira parte da história, em Paris, naquela cidade babilônica onde só acontecem coisas extraordinárias, onde decorrem os romances de aventuras de Arsénio Lupin, e onde Ponson du Terrail martiriza as marquesas durante cinco volumes de interminável prosa para as casas, depois duma tortura longa, com um rico banqueiro, amante dos pobres, que a faz muito feliz e lhe beija os cabelos louros.

E' em Paris. Por uma tarde de encantadora primavera, o dr. Afonso Costa — o protector dos humildes, o grande patriota que na conferência da Paz elevou o nosso país à coroa das nuvens e que, em Portugal, perseguiu os operários, os encerrou nas cadeias, os meteu em fortes de sentinelas à vista e os mandou espingardiar na praça pública — o dr. Afonso Costa, o grande estadista, após um lauto jantar de acepção francesa, veiu fumar um charuto caro e gozar a atmosfera tépida para o boulevard des Italiens.

Vagueando acaso, as mãos nos bolsos, onde tellinham as libras ganhas honradamente, Afonso pensava no quanto que progredira depois da implantação da república e, sobretudo, depois da realização daquele negócio assombroso, obra sua, que muito o honra, que foi a entrada de Portugal na guerra, no concerto das nações, na zaragata das nações...

Vai senão quando, sobre o seu ombro gordo sentir-se algumas palmadinhas amáveis. Voltou-se...

— Tu por aqui, Nogueira Pinto...

Era o Nogueira Pinto, honrado banqueiro da nossa praça, homem seríssimo, honorabilidade indiscutível, crédito em todo o mundo, em resumo, uma alma valiosa de diamantes, encastada no ouro de muitos milhares de libras.

Ainda bem que te encontro, meu caro Afonso — disse o Nogueira Pinto. — Sei que é um homem honrado e certo não te recusaria a entrar num negócio esplêndido, que eu, o Castro Guimarães, o Pedro de Araújo e D. José Manuel de Noronha temos planeado.

Faltava-nos, para êxito completo do nosso projecto formidável, assombroso, um homem de ação, de prestígio, de nome, como tu.

— Um negócio! — atalhou o grande estadista, o olho fulgurante, através da janela. — Conta-me lá isso!

E o Nogueira Pinto, acendendo também o seu charuto de tabaco raro, travou do braço do grande homem de Estado e foi descrevendo, citando números precisos, empregando frases vigorosas, impressionantes, o grande negócio, o golpe financeiro que assombraria o mundo de lés a lés.

— Nós possuímos um país maravilhoso!

— Exacto! — exclamou o Afonso.

— Tu conheces a situação em que o nosso país se encontra.

O Estado português não tem vintem, o povo morre de fome, a agricultura é um mito, a indústria uma mentira, uma blague, o déficit é favorável, navegação não existe, as colonias estão empenhadas...

— Bastal — exclamou Afonso Costa. Eu sei tudo isso tanto como tu. Pois, se eu ajudrei a enterrar o país...

E riram ambos durante um bom pedaço.

— Bem — prosseguiu o Nogueira Pinto. — Eu, o Castro Guimarães, o Pedro de Araújo e D. José Manuel de Noronha, pensámos em aliviar, por momentos, aquela pobreza, com uma ilusão linda, fazendo-a acreditar durante algum tempo que a vida vai baixar. Para isso basta fazer baixar a libra.

— E quanto ganhamos nós com essa ilusão? — perguntou o Afonso, homem prático, como sempre.

— E' isso mesmo que te vou explicar. Temos o país, hein? Temos seis milhões de desgravos... Vamos negociar! Portugal precisava agora dum empréstimo, um empréstimo fornidável. O empréstimo ninguém lho fia, mas nós fingimos que o arranjamos. Vais ver.

— E' eu e os outros inventámos um banco belga, instalado num terceiro andar dumha rua duvidosa de Anvers, o Credit International. Inventámos também o sr. Joseph Williams, cidadão americano, representante da alta finança yankee que bem vestido, ar grave, maneiras finas, falas amaveis, que instalará num dos melhores hoteis de Paris. O sr. William, chama-nos, a nós, financeiros portugueses, representantes do banco belga, o Credit International e diz-nos: «Portugueses amigos, sabendo que Portugal luta com falta de dinheiro e precisa comprar carvão, trigo, etc., em nome de altos financeiros americanos, proponho-vos, portugueses amigos, um empréstimo de 50 milhões de dollars, que vos salvára, mete juros módicos e irrecusáveis».

— Tu, Afonso Costa, — continuou o Nogueira — que negociaste a guerra, que negociaste paz, com fartos provéntos, negociando o empréstimo. Tomas um solte, telegrafas para o governo português, e dizes-lhes muito em segredo:

— Um grupo de homens financeiros portugueses, animados de patrióticos intuições, representando o Credit of Anvers, consegue, caso o governo português assim o deseje obter na América um empréstimo de 50 milhões de dollars.

Os dois grandes homens passaram juntos, gozando a tarde de amena. Depois separaram-se. Afonso Costa telegrafou para Lisboa, transmitindo o recado e o Nogueira Pinto, elefregando as mãos de contente, foi contar tudo aos amigos, que o abraçaram e lhe deram um banquete.

visitante ia finalmente a safrá, o maluco, já a dois passos dele e pelas suas costas, chamava devagarinho:

— Pst, pst.

O visitante voltava-se logo, curiosamente, e então o maluco aplicava-lhe uma tremenda bofetada e, muito cortez, dizia-lhe, sorrindo:

— Pego desculpa mas eu tinha-o avisado.

— Para que foi que se voltou? A culpa foi toda sua.

Esta argumentação não tinha réplica, mesmo porque uma pessoa ajuda-nos nem discute com maluços. Quando muito toma a lição e despede-se, prezando o meu aviso.

J. B.

Aplico o conto ao caso.

E, para não armar em Confúcio ou

Reste, armo aqui em malu-

co, e digo a quem de direito, a quem deve ter mais julgo do que aquele que eu posuo:

— O momento é solene! Cumpra o seu dever. Faça cirurgia profunda e radical e não olhe para traz se as seixas lhe cantarem.

Depois não se queixe se eu lhe for à cara, figuradamente, com a trieste realidade, quando já não houver remédio.

Escrevi aqui avisando e quem me avisa meu amigo é.

Depois não se queixe quem deve ser ajudado e mostrará o contrário desprezando o meu aviso.

Deixaí toda essa canhota rebentar de indegestão!

visitante ia finalmente a safrá, o maluco, já a dois passos dele e pelas suas costas, chamava devagarinho:

— Pst, pst.

O visitante voltava-se logo, curiosamente, e então o maluco aplicava-lhe uma tremenda bofetada e, muito cortez, dizia-lhe, sorrindo:

— Pego desculpa mas eu tinha-o avisado.

— Para que foi que se voltou? A culpa foi toda sua.

Esta argumentação não tinha réplica, mesmo porque uma pessoa ajuda-nos nem discute com maluços. Quando muito toma a lição e despede-se, prezando o meu aviso.

J. B.

Aplico o conto ao caso.

E, para não armar em Confúcio ou

Reste, armo aqui em malu-

co, e digo a quem de direito, a quem deve ter mais julgo do que aquele que eu posuo:

— O momento é solene! Cumpra o seu dever. Faça cirurgia profunda e radical e não olhe para traz se as seixas lhe cantarem.

Depois não se queixe se eu lhe for à cara, figuradamente, com a trieste realidade, quando já não houver remédio.

Escrevi aqui avisando e quem me avisa meu amigo é.

Depois não se queixe quem deve ser ajudado e mostrará o contrário desprezando o meu aviso.

Deixaí toda essa canhota rebentar de indegestão!

J. B.

visitante ia finalmente a safrá, o maluco, já a dois passos dele e pelas suas costas, chamava devagarinho:

— Pst, pst.

O visitante voltava-se logo, curiosamente, e então o maluco aplicava-lhe uma tremenda bofetada e, muito cortez, dizia-lhe, sorrindo:

— Pego desculpa mas eu tinha-o avisado.

— Para que foi que se voltou? A culpa foi toda sua.

Esta argumentação não tinha réplica, mesmo porque uma pessoa ajuda-nos nem discute com maluços. Quando muito toma a lição e despede-se, prezando o meu aviso.

J. B.

Aplico o conto ao caso.

E, para não armar em Confúcio ou

Reste, armo aqui em malu-

co, e digo a quem de direito, a quem deve ter mais julgo do que aquele que eu posuo:

— O momento é solene! Cumpra o seu dever. Faça cirurgia profunda e radical e não olhe para traz se as seixas lhe cantarem.

Depois não se queixe se eu lhe for à cara, figuradamente, com a trieste realidade, quando já não houver remédio.

Escrevi aqui avisando e quem me avisa meu amigo é.

Depois não se queixe quem deve ser ajudado e mostrará o contrário desprezando o meu aviso.

Deixaí toda essa canhota rebentar de indegestão!

J. B.

visitante ia finalmente a safrá, o maluco, já a dois passos dele e pelas suas costas, chamava devagarinho:

— Pst, pst.

O visitante voltava-se logo, curiosamente, e então o maluco aplicava-lhe uma tremenda bofetada e, muito cortez, dizia-lhe, sorrindo:

— Pego desculpa mas eu tinha-o avisado.

— Para que foi que se voltou? A culpa foi toda sua.

Esta argumentação não tinha réplica, mesmo porque uma pessoa ajuda-nos nem discute com maluços. Quando muito toma a lição e despede-se, prezando o meu aviso.

J. B.

Aplico o conto ao caso.

E, para não armar em Confúcio ou

Reste, armo aqui em malu-

co, e digo a quem de direito, a quem deve ter mais julgo do que aquele que eu posuo:

— O momento é solene! Cumpra o seu dever. Faça cirurgia profunda e radical e não olhe para traz se as seixas lhe cantarem.

Depois não se queixe se eu lhe for à cara, figuradamente, com a trieste realidade, quando já não houver remédio.

Escrevi aqui avisando e quem me avisa meu amigo é.

Depois não se queixe quem deve ser ajudado e mostrará o contrário desprezando o meu aviso.

Deixaí toda essa canhota rebentar de indegestão!

J. B.

visitante ia finalmente a safrá, o maluco, já a dois passos dele e pelas suas costas, chamava devagarinho:

— Pst, pst.

O visitante voltava-se logo, curiosamente, e então o maluco aplicava-lhe uma tremenda bofetada e, muito cortez, dizia-lhe, sorrindo:

— Pego desculpa mas eu tinha-o avisado.

— Para que foi que se voltou? A culpa foi toda sua.

Esta argumentação não tinha réplica, mesmo porque uma pessoa ajuda-nos nem discute com maluços. Quando muito toma a lição e despede-se, prezando o meu aviso.

J. B.

Aplico o conto ao caso.

E, para não armar em Confúcio ou

Reste, armo aqui em malu-

co, e digo a quem de direito, a quem deve ter mais julgo do que aquele que eu posuo:

— O momento é solene! Cumpra o seu dever. Faça cirurgia profunda e radical e não olhe para traz se as seixas lhe cantarem.

Depois não se queixe se eu lhe for à cara, figuradamente, com a trieste realidade, quando já não houver remédio.

Escrevi aqui avisando e quem me avisa meu amigo é.

Depois não se queixe quem deve ser ajudado e mostrará o contrário desprezando o meu aviso.</

Conferência Ferroviária

A sessão preparatória de domingo :: na Associação dos Caixeiros ::

Como noticiamos, efectuou-se no domingo, na Associação dos Caixeiros, a reunião dos ferroviários da C. P., Sociedade Estoril e Sul e Sueste, pertencentes à circunscrição de Lisboa, para se resolver sobre a conferência ferroviária que em breve se realizará, por iniciativa da secção de Federações da C. G. T.

A's 15 e 30, Manuel Joaquim de Souza, secretariado por Júlio Luís e Miguel Correia, abre a sessão e, em nome da comissão da secção das Federações da C. G. T., diz da função principal daquele organismo que é coordenar os esforços do proletariado para o robustecimento e a criação dos organismos sindicais, respeitando sempre a autonomia do indivíduo no Sindicato, neste na Federação e da Federação na C. G. T.

E, pôs, desejo da central do operariado que os ferroviários da região portuguesa, num futuro congresso dos seus sindicatos, criem a Federação da Indústria, porque só assim a família ferroviária poderá apertar os seus laços de solidariedade.

Uma vez exposta a missão da comissão nesta assembleia, é constituída a mesma, que ficou composta pelos ferroviários Gómezendo Geral, da C. P., presidente, sendo secretariado por Entrudo Júnior, do S. S. e Henrique Rijo, da C. P., que faz uso da palavra estigmatizando a ação pouca energica dos ferroviários da C. P. e terminando por incitar os seus camaradas a acompanharem os trabalhos da comissão.

Júlio Luís, como membro da comissão da C. G. T., recorda a primeira greve da C. P., pela sua retumbância e pelos seus efeitos, achando-a digna duma classe, mas depois vieram as perseguições que fizeram afastar da classe alguns elementos, esperando, no entanto, ver os ferroviários da C. P. cuidarem da sua organização.

Miguel Correia acha suficientemente explicado o motivo da retumbância e os institutos que animaram a C. G. T. Recorda os trabalhos preliminares duma comissão a que ele pertenceu com o fim de levar a efeito o congresso ferroviário, e apresenta as razões porque essa comissão não se desempenhou do seu mandato, esperando que desta vez se consiga que os ferroviários de Portugal e colônias criem os organismos sindicais indispensáveis.

Recorda também uma tentativa que vários elementos em tempos fizeram para organizar uma Federação. A estes indivíduos faltou o espírito sindical e revolucionário para compreenderem a função de um organismo de tal natureza. Foram os seus pontos de vista político que impediram de levar a efeito a sua tentativa, chegando nesse tempo a classe a preocupar-se mais com as facetas políticas do que dos seus interesses como trabalhadores.

Nesta situação se achava o S. S. & E., orador, e mais um pequeno grupo de camaradas coordenaram esforços e energias para o campo económico e fôr assim que pouco a pouco se conseguiu fazer afirmar-se a tendência revolucionária da C. P., onde se encontrava uma percentagem de 90 por cento de políticos. A contribuir para a descrença na banalidade política, veio o desembriamento acelerar a marcha dos acontecimentos e conseguiu-se que o doentio campo político se transformasse num fértil campo revolucionário.

Na C. P. a falta de ação caracterizava operários deu margem a que os elementos políticos completassem a sua evolução, dividindo a classe. Tem a C. P. tradições que orgulham uma classe, e a greve de 1914 foi uma eloquente demonstração. Pertence aos ferroviários da C. P. a honra de terem interessado os ferroviários pela luta revolucionária operária.

Não só os ferroviários da C. P. que lutam com um meio pântano, mas sim todos os ferroviários de Portugal e colônias e é para romper com este ambiente que os ferroviários devem organizar o seu congresso afim de conseguirem a sua independência.

Henrique Rijo acha identificado com o exposto na moção e espera que as criaturas que dentro da C. P. tem competência deem o seu concurso aos trabalhos da comissão para a realização da conferência ferroviária.

Ludgero Cigarrito, saúda a Associação dos Caixeiros pela cedência da sua sede para a reunião e igualmente saúda as classes ferroviárias, estando em absoluto acordo com a moção apresentada.

João Mendes Ruben, do Minho e Douro, faz idêntica declaração.

Em seguida é lido um ofício do Grupo Ferroviário Solidariedade Humana, no qual faz um apelo para que em todas as sessões se façam subscrições pró-familias russas.

Manuel Joaquim de Sousa fala do seu desprazer que por acaso possa haver na C. P., referindo-se ao ambiente em que estão vivendo os ferroviários daquelas linhas.

Faz várias considerações sobre o valor da persistência dos militantes ferroviários que com tenacidade conseguem sair as suas classes das crises que as amortecem.

Refere-se às palavras dum orador que lhe antecedeu que disse bastar um grupo de homens fazer trabalhos e apresentá-los, para que sejam aprovados. D. Scorda desto modo de ver, porque nunca pod m fizer trabalho útil, meia dúzia de homens, trabalho é que compete a uma classe.

Só uma classe pode efectivar o que lhe diz respeito, e aquilo seria ir de encontro às normas do espírito sindical.

Diz ser necessário haver essa meia dúzia de homens para educar a classe, orientando-a e coordenando-a para que suas aspirações não sejam descorredas.

Jaim das Neves esclarece as suas palavras, dizendo ser aquela o espírito da classe, que não deseja fazer coisa que a tire do comodismo da enfermaria.

Miguel Correia acrescenta que se necessita de haver amizade, a fim de interessar a classe nos trabalhos que lhe dizem respeito. Para terminar propõe um voto de louvor à classe dos caixeiros pela cedência da casa e pelo seu congresso, o que é aprovado por unanimidade.

Abel Constancio, por último, refere-se à ação dos ferroviários que conseguiram, no meio da força das armas, levantar o moral da classe e arrancar uma empresa a exploração das minas de Santa Suzana.

culturais das tribus negras e dos Estados negros, "O Museu do Congo".

A segunda sessão de Bruxelas, realizou-se no dia 1 de Setembro. Discutiram-se as teses: "As condições dos descendentes africanos através do mundo", "Psicologia e etnografia", "Educação, trabalho e capital", "Desenvolvimento político", "Contrato social", etc.

Os representantes das potências coloniais também fizeram os seus discursos. Na terceira sessão, 2 do corrente, iniciou a discussão sobre as teses:

"As condições e métodos da solução dos problemas dos negros de todo o mundo", "Direitos dos negros nas comunidades dos brancos", "Direitos dos negros", "Mandatos, exploração económica", "Estados negros", "Comites e organizações negras".

As últimas sessões realizaram-se em Paris, nos dias 4 e 5 do corrente. Dis-

O preço do pão

Um comício em Vila Franca de Xira

As associações operárias de Vila Franca de Xira efectuaram no dia 4 do corrente um comício público de protesto contra a exigência de aumentos no preço do trigo. Os lavradores daquela região estão no propósito de não ceder o trigo à comissão de abastecimentos do concelho se não a preços elevados, o que obrigaría essa comissão a aumentar o preço do pão.

Nesse comício, que esteve muito corrido, falaram diversos oradores, sendo apresentadas as seguintes moções, que foram aprovadas por unanimidade:

Considerando que por mais esforços que os poderes do Estado façam para intensificar a cultura nacional e aumentar a produção agrícola, não o conseguem, devendo o reabastecimento dos lavradores encarecer os trigos;

Considerando que os lavradores desta região só luçam à terra sementes para sustentação dos animais, como sejam faves, grão-preto, aveia, etc.

Considerando que os mesmos lavradores deixam lucras de primeira qualidade, desenvolvendo só o feno, etc., para pastagem de gados na mira de fazerem pesadas despesas e auferirem fabulosos lucros;

Considerando que os lavradores daquela região só luçam à terra sementes para sustentação dos animais, como sejam faves, grão-preto, aveia, etc.

O povo trabalhador do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, responde:

1.º Solicitar ao ministro da agricultura medidas tendentes a evitar que a cultura dos trigos continue diminuindo dum forma assustadora em prejuízo dos países;

2.º Requerer ao ministro da agricultura que aumente a assistência a que os lavradores destinam os seus projectos de agricultura;

3.º Que seja entregue à autoridade administrativa do concelho presente moção para que a faça chegar ao ministro da agricultura;

Considerando que o sócio dos lavradores ganhanciosos se dirigiram, em 17 de Agosto passado, ao presidente do ministério e ao ministro da agricultura para lhe fazerem saber que não podiam vender os seus trigos por menos de 60 centavos o quilo, alegando o falso aumento da alta de salários dos lavradores e o aumento dos preços de consumo;

Considerando que o ministro da agricultura se faz incondicionalmente ao lado dos citados lavradores, declarando que iria sujeitar ao parlamento e de lá reclamar a imediata aprovação de um projeto de lei fixando os centavos o quilo de arroz para todo o país;

Considerando que a comissão de subsídios, deste concelho, está no firme propósito de não pagar por mais de 40 centavos o quilo de trigo preço porque o tem pago por 60 centavos;

Considerando que essa comissão alega, muito justamente, que no caso de ser forceda a pagar por 60 centavos o trigo, declinaria o seu mandato, entregando a solucionar da questão a quem era mais directamente interessada, ou seja, o povo trabalhador e consumidor geral o povo do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, resolve:

1.º Levantar o seu mais energico protesto contra a desmedida ganância dos lavradores, não consentindo que o trigo lhe seja vendido por menos de 40 centavos o quilo;

2.º Requerer ao ministro da agricultura, nesta questão, por parecer probar-se que foi a lavradora que levou aquela entidade ao ponto de lhe defender os interesses, em detrimento da situação precária de que é presidente a classe laboriosa e dos seus constantes clamores;

3.º Porque o povo trabalhador e consumidor geral o povo do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, resolve:

1.º Requerer ao ministro da agricultura que aumente a assistência a que os lavradores destinam os seus projectos de agricultura;

2.º Requerer ao ministro da agricultura que aumente a assistência a que os lavradores destinam os seus projectos de agricultura;

3.º Que seja entregue à autoridade administrativa do concelho presente moção para que a faça chegar ao ministro da agricultura;

4.º Que o povo trabalhador e consumidor geral o povo do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, responda:

1.º Finalmente, levar esta reclamação ao presidente do conselho de ministros, para que este tome a medida de não firmar o projeto de não pagar por mais de 40 centavos o quilo, porque não só manda desmoronar todas as práticas que existem por esse país fora, como consiste ainda que novas práticas se edifiquem. — C.

5.º Finalmente, levar esta reclamação ao presidente do conselho de ministros, para que este tome a medida de não firmar o projeto de não pagar por mais de 40 centavos o quilo, porque não só manda desmoronar todas as práticas que existem por esse país fora, como consiste ainda que novas práticas se edifiquem. — C.

6.º Porque se incondicionalmente ao lado dos citados lavradores, declarando que iria sujeitar ao parlamento e de lá reclamar a imediata aprovação de um projeto de lei fixando os centavos o quilo de arroz para todo o país;

7.º Considerando que a comissão de subsídios, deste concelho, está no firme propósito de não pagar por mais de 40 centavos o quilo de trigo preço porque o tem pago por 60 centavos;

8.º Considerando que essa comissão alega, muito justamente, que no caso de ser forceda a pagar por 60 centavos o trigo, declinaria o seu mandato, entregando a solucionar da questão a quem era mais directamente interessada, ou seja, o povo trabalhador e consumidor geral o povo do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, resolve:

1.º Levantar o seu mais energico protesto contra a desmedida ganância dos lavradores, não consentindo que o trigo lhe seja vendido por menos de 40 centavos o quilo;

2.º Requerer ao ministro da agricultura que aumente a assistência a que os lavradores destinam os seus projectos de agricultura;

3.º Porque o povo trabalhador e consumidor geral o povo do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, responda:

1.º Finalmente, levar esta reclamação ao presidente do conselho de ministros, para que este tome a medida de não firmar o projeto de não pagar por mais de 40 centavos o quilo, porque não só manda desmoronar todas as práticas que existem por esse país fora, como consiste ainda que novas práticas se edifiquem. — C.

2.º Requerer ao ministro da agricultura que aumente a assistência a que os lavradores destinam os seus projectos de agricultura;

3.º Que seja entregue à autoridade administrativa do concelho presente moção para que a faça chegar ao ministro da agricultura;

4.º Que o povo trabalhador e consumidor geral o povo do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, responda:

1.º Finalmente, levar esta reclamação ao presidente do conselho de ministros, para que este tome a medida de não firmar o projeto de não pagar por mais de 40 centavos o quilo, porque não só manda desmoronar todas as práticas que existem por esse país fora, como consiste ainda que novas práticas se edifiquem. — C.

5.º Finalmente, levar esta reclamação ao presidente do conselho de ministros, para que este tome a medida de não firmar o projeto de não pagar por mais de 40 centavos o quilo, porque não só manda desmoronar todas as práticas que existem por esse país fora, como consiste ainda que novas práticas se edifiquem. — C.

6.º Considerando que a comissão de subsídios, deste concelho, está no firme propósito de não pagar por mais de 40 centavos o quilo de trigo preço porque o tem pago por 60 centavos;

7.º Considerando que essa comissão alega, muito justamente, que no caso de ser forceda a pagar por 60 centavos o trigo, declinaria o seu mandato, entregando a solucionar da questão a quem era mais directamente interessada, ou seja, o povo trabalhador e consumidor geral o povo do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, resolve:

1.º Levantar o seu mais energico protesto contra a desmedida ganância dos lavradores, não consentindo que o trigo lhe seja vendido por menos de 40 centavos o quilo;

2.º Requerer ao ministro da agricultura que aumente a assistência a que os lavradores destinam os seus projectos de agricultura;

3.º Que seja entregue à autoridade administrativa do concelho presente moção para que a faça chegar ao ministro da agricultura;

4.º Que o povo trabalhador e consumidor geral o povo do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, responda:

1.º Finalmente, levar esta reclamação ao presidente do conselho de ministros, para que este tome a medida de não firmar o projeto de não pagar por mais de 40 centavos o quilo, porque não só manda desmoronar todas as práticas que existem por esse país fora, como consiste ainda que novas práticas se edifiquem. — C.

2.º Requerer ao ministro da agricultura que aumente a assistência a que os lavradores destinam os seus projectos de agricultura;

3.º Que seja entregue à autoridade administrativa do concelho presente moção para que a faça chegar ao ministro da agricultura;

4.º Que o povo trabalhador e consumidor geral o povo do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, responda:

1.º Finalmente, levar esta reclamação ao presidente do conselho de ministros, para que este tome a medida de não firmar o projeto de não pagar por mais de 40 centavos o quilo, porque não só manda desmoronar todas as práticas que existem por esse país fora, como consiste ainda que novas práticas se edifiquem. — C.

2.º Requerer ao ministro da agricultura que aumente a assistência a que os lavradores destinam os seus projectos de agricultura;

3.º Que seja entregue à autoridade administrativa do concelho presente moção para que a faça chegar ao ministro da agricultura;

4.º Que o povo trabalhador e consumidor geral o povo do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, responda:

1.º Finalmente, levar esta reclamação ao presidente do conselho de ministros, para que este tome a medida de não firmar o projeto de não pagar por mais de 40 centavos o quilo, porque não só manda desmoronar todas as práticas que existem por esse país fora, como consiste ainda que novas práticas se edifiquem. — C.

2.º Requerer ao ministro da agricultura que aumente a assistência a que os lavradores destinam os seus projectos de agricultura;

3.º Que seja entregue à autoridade administrativa do concelho presente moção para que a faça chegar ao ministro da agricultura;

4.º Que o povo trabalhador e consumidor geral o povo do concelho de Vila Franca de Xira, reunido em comício público, responda:

1.º Finalmente, levar esta reclamação ao presidente do conselho de ministros, para que este tome a medida de não firmar o projeto de não pagar por mais de 40 centavos o quilo, porque não só manda desmoronar todas as práticas que existem por esse país fora, como consiste ainda que novas práticas se edifiquem. — C.

2.º Requerer ao ministro da agricultura que aumente a assistência a que os lavradores destinam os seus projectos de agricultura;</p